

RESENHA

DENUNCIAR E ANUNCIAR: A MENINA QUE UTILIZOU AS REDES SOCIAIS PARA ENFRENTAR O DESCASO COM A ESCOLA

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/71697>

Juliana dos Santos Rocha

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.



FABER, Isadora. **Diário de Classe – a verdade**: a história da menina que está ajudando a mudar a educação no Brasil. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2014.

“**Q**ue país é esse?”. Questiona o título de uma conhecida música, de Renato Russo, escrita no final da década de 1970, lançada na década seguinte e utilizada para denunciar a corrupção no Brasil. Na época, a música foi fortemente utilizada com este intuito: denúncia. No cenário atual, as redes sociais são um dos recursos mais utilizados para este fim. A exemplo disso, o livro *Diário de Classe*, lançado no ano de 2014, conta a história da jovem Isadora Faber e suas relações e ações na escola, a partir da criação de uma página no Facebook, chamada de “*Diário de Classe*”, com o intuito de denunciar questões importantes e recorrentes que ocorriam em sua escola. Na época, a menina tinha 13 anos e frequentava a Escola Básica Municipal Maria Tomázia Coelho, de Florianópolis, no Estado de Santa Catarina. O livro é composto por 21 capítulos, totalizando 268 páginas.

Isadora conta que estudou todo o Ensino Fundamental na mesma escola e tudo parecia tranquilo até a quinta série. Nesse momento, a família obteve uma bolsa para sua irmã do meio em uma escola privada. A discrepância dos conteúdos dados nas duas escolas, nas mesmas séries, foi percebida rapidamente. Ela conta que sua irmã chegou um dia em casa dizendo que o professor de inglês da nova escola havia falado somente

em inglês na aula e ela não havia entendido nada, que o professor de matemática passara uma lição da qual ela não havia aprendido o conteúdo. Entretanto, ressalta que inicialmente não fazia uma crítica séria ao sistema de educação pública; “naquela época eu tinha o pensamento medíocre, mas infelizmente comum: achava que, como a escola era de graça, nós não podíamos e nem tínhamos o direito de reclamar”, relata (FABER, 2014, p. 35). Foi ao visitar a escola da irmã que Isadora começou a perceber a precariedade da escola em que estudava, que tinha um espaço físico muito maior, porém totalmente descuidado.

O livro e a fanpage denunciam problemas como choques elétricos, faltas recorrentes de professores, professores que não dão aula, falta de ventiladores, filas enormes em um único bebedouro, portas e janelas quebradas. Isadora relata que todos reclamavam, mas ninguém fazia nada. A primeira providência de Isadora foi convidar uma amiga e conversar com o professor de matemática, pois não estavam conseguindo aprender a matéria e havia muita bagunça na aula. Nenhuma providência. A segunda etapa foi buscar a direção da escola, sobre a aula de matemática, na qual o professor não dava aula e havia muita bagunça, e sobre o espaço físico, o que estava estragado etc. Nada! De acordo com a autora, foram muitas tentativas de resolver o assunto com a direção, que não tomou nenhuma providência.

Foi então que a irmã de Isadora, Ingrid, falou sobre a história da escocesa Martha Payne, que aos 9 anos havia denunciado o problema da alimentação escolar e, assim, mobilizado toda a comunidade para resolver a questão¹. Inspirada na história da estudante de 9 anos, Isadora resolveu criar a página no Facebook, onde fazia postagens diárias comentando os absurdos que encontrava na escola, acompanhadas de registros fotográficos, para a qual contou com a colaboração de sua melhor amiga, Melina.

Em seguida, a página começou a ficar conhecida e entre alunos, professores e funcionários da escola. A autora não esperava tanta repercussão. Atualmente, a página tem mais de 600 mil seguidores, e não demorou para que a menina fosse reconhecida pela criação. De acordo com a autora, cerca de um mês após a publicação da página, chegaram a quase 2 mil seguidores e no mês de agosto, após um final de semana no qual o número de seguidores cresceu muito, começaram a chegar os jornalistas nacionais e ligações internacionais para entrevistá-la.

Entretanto, a repercussão não foi tão positiva quanto se pode pensar inicialmente. Isadora conta como foi perseguida pelos funcionários, professores e até pelos próprios colegas, na escola. Recebeu ameaças e represálias, teve a casa apedrejada, pressionando para que a página fosse tirada do ar. “Sofri agressões, represálias, ameaça de morte, calúnias, processos, perseguições”, diz ela (FABER, 2014, p. 23). Funcionários passaram nas salas de aula incitando os alunos a darem uma “lição” em Isadora, já que eles, como adultos, não poderiam, contou uma amiga em segredo à ela, por medo de também sofrer represálias.

Nesse sentido, entende-se que a adolescência socialmente concebida como uma fase universal e psicológica do desenvolvimento, pode influenciar para que esse sujeito seja visto na escola em uma perspectiva mais negativa, de oposição, de afronta (ROCHA, 2016), e não como um agente transformador e sujeito do seu processo de escolarização e

¹ Cf. <http://neverseconds.blogspot.com.br/>

aprendizagem. É importante ressaltar que essa perspectiva mais patologizante e estereotipada da adolescência foi construída historicamente e cristalizada pela psicologia ocidental, no século XX (OZELLA, 2003). Contudo, os agentes da educação, na atualidade, precisam compreender que trata-se de um sujeito histórico-cultural, que se constitui dialeticamente com a sociedade. Na escola ele é um dos sujeitos mais importantes, que precisa ser ativo no processo. Estes já eram os pressupostos da Escola Ativa e da Escola Nova, desde a segunda metade do século XIX, que começam a ser discutidas no Brasil na década de 1920, com o intuito de repensar a escola tradicional e propor uma educação mais flexível, que tem as relações como centralidade, nas quais os interesses e as experiências dos alunos são mote para a aprendizagem e para a construção da proposta curricular (LOURENÇO FILHO, 2002).

Apesar da pressão, Isadora não cedeu. Estava convicta que a denúncia seria uma forma, talvez a única naquele momento, de conquistar melhorias significativas para as solicitações de antemão ignoradas. Após tanta publicidade e apoio na fanpage – quase 200 mil seguidores – iniciaram as reformas na escola. A secretaria da educação publicou uma nota dizendo apoiar iniciativas como a da Isadora e a diretora assumiu a responsabilidade pela má administração, afirmando que não havia pressionado para que a página fosse tirada do ar, o que, de acordo com Isadora, é uma inverdade. A menina utilizou a página para postar as melhorias e buscar conscientizar os colegas para os devidos cuidados com o espaço público da escola. Aos poucos, a autora da página foi anunciando as conquistas e as novas possibilidades para as ações na escola se efetivarem, como por exemplo, a criação da Associação de Pais e Professores, a cobrança da entrega e regularização da prestação de contas da escola, o que possibilitaria a liberação de novas verbas.

Belloni (2007), infere que instituições como escola e família vem sendo fortemente penetradas pela mídia. É imperioso pensar acerca dos reflexos que esse movimento pode causar em tais instituições. O fato é que a participação da mídia na atualidade é inevitável, é necessário, sim, refletir como agir a partir dela. Nesse sentido, é importante lembrar que a mídia e as tecnologias não tem o papel apenas de informar, mas também de formar o cidadão, transmitindo sempre algum juízo de valor, uma compreensão específica do mundo e da sociedade etc. Utilizar as redes sociais como forma de transformação social, para campanhas de humanização, para denúncias de abusos dos mais variados tipos, preconceitos e discriminações pode ser uma forma de utilizar o “boom tecnológico” à favor de uma sociedade mais justa e igualitária. Já que é impossível negar ou mesmo frear essa expansão das tecnologias, então que a educação aprenda a utilizá-la para benefício próprio.

Isadora e o Diário de Classe se tornaram conhecidos. A menina, hoje, viaja o Brasil e o mundo participando de eventos culturais, debates sobre protagonismo infantil e mídias, lutas feministas por educação e liberdade, entre outros. O último capítulo do livro é dedicado às mudanças necessárias na educação, intitulado “Vamos mudar a educação no Brasil”. Nesta seção a autora lembra de problemas como a violência, desrespeito para com professores e alunos, desvalorização da educação e, principalmente, a má gestão da educação na atualidade. Em tom conclusivo, salienta que a educação é “problema” de toda a sociedade. Sendo assim, é necessário que todos se engajem e lutem por educação de qualidade e para todos, utilizando os recursos disponíveis, como a internet,

tendo vistas às mudanças efetivas.

Contudo, restam algumas perguntas que podem ser mote para reflexão na área da educação: como a escola pode abrir espaço para que o aluno seja agente transformador do espaço educacional? Não seria a escola muito mais atrativa e efetiva se os alunos tivessem voz ativa e fossem corresponsáveis pelo espaço educacional? Como lidar, enquanto aluno, professor ou funcionário com um caso semelhante a este? Qual seria sua reação? Como a escola pode utilizar as redes sociais para qualificar o processo de escolarização? Como envolver toda a comunidade escolar de forma efetiva? E, finalmente, como resolver os problemas de “minha” escola?

Obviamente, há muitas questões que são estruturais, que são do Estado, mas há outras que são simples e ficam esquecidas, muitas vezes. No que se refere às questões maiores, é necessário que haja controle social, sem ele sabe-se que pouco acontece no país. O que fazer, então? O que fazer agora?

Referências

- BELLONI, Maria Luíza. *O que é Mídia- Educação*. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstrom. *Introdução ao estudo da Escola Nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- OZELLA, Sergio. A Adolescência e os Psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In: OZELLA, Sergio. *Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 17-40.
- ROCHA, Juliana S. *O aprender como processo humano: os sentidos subjetivos produzidos por adolescentes em situação de vulnerabilidade social acerca da aprendizagem*. 2016. 217f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

JULIANA DOS SANTOS ROCHA é Psicopedagoga. Mestre e doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs). Bolsista CAPES. Professora Convidada do Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Pucrs. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa sobre Aprendizagem e Processos Inclusivos (Nepapi) e do Grupo de Pesquisa Formação Docente, Inclusão e Processos de Aprendizagem (FIPA). Endereço: Rua Pedro Velho, 248 - 90680-510 - Porto Alegre/RS - Brasil.
E-mail: juliana.rocha.001@acad.pucrs.br

Recebido em 06 de março de 2017.

Aceito em 15 de abril de 2017.